

POESIA DE *lembranças*

» NAHIMA MACIEL

Anderson Braga-Horta começou a escrever os versos de *Iniciações* meio sem compromisso, mas com aquela sensação de que mergulhava no passado. Quando viu, uma coisa puxou a outra e o poeta trouxe para o papel uma série de memórias aquecidas pelo afeto e por boas lembranças. Como não sabia ao certo do que se tratava, escreveu logo o poema *Advertência*, no qual questiona: “Ao pensar em como oferecer ao leitor os textos aqui enfiados, ocorre-me uma dúvida: serão eles poemas? crônicas?”. Mais adiante, ele avisa: “Faça o leitor a leitura que lhe parecer. Soberanamente./Mas que fique registrado que teve o autor a pretensão de dar a estes breves relatos/de sua pequena trajetória humana/uma aura, ao menos, de poesia.” E assim, está posta a dúvida, que em nada atrapalha a leitura desse livrinho delicado e afetuoso, o mais recente do poeta.

Anderson Braga-Horta nasceu em Carangola, no interior de Minas Gerais, mas passou parte da infância na Cidade de Goiás, onde chegou por volta dos 7 anos. Ficou, mais ou menos, até os 11 anos. “Pouco, mas foram anos muito intensos e especiais da infância, um período muito bom de minha vida, um período rico”, lembra. “Era uma cidade encantadora, rica em natureza, antiga, relativamente pequena, mas com uma riqueza arquitetônica e urbanística.” Vila Boa foi um dos primeiros poemas escritos para o livro. Quando viu, Braga-Horta havia escrito um livro inteiro sobre a

cidade. O novo livro, ele diz, é diferente de tudo que já escreveu. “São memórias em versos”, avisa. “Mas versos meio prosaicos, muito narrativos, de modo que eu mesmo me perguntei: é poesia, crônica? É um pouquinho de cada coisa. Acho muito diferente de toda a poesia que publiquei até então. Quando dei por mim, vi que estava fazendo um livro sobre minha infância em Goiás”, confessa. É uma boa maneira de celebrar os 90 anos, que o poeta completa hoje e que serão celebrados no Sarau Pedra 90, organizado pelo amigo e poeta José Sóter. A intenção é reunir 90 poetas de Brasília para recitar os versos de Braga-Horta em um encontro na Biblioteca Nacional de Brasília marcado para as 17h do dia 21.

Autor de, pelo menos, seis livros de poesia, incluindo este *Iniciações*; participação em antologias de poemas e contos e alguns livros de ensaios sobre a arte de escrever versos e de traduzir livros, Braga-Horta é um poeta à moda antiga, com uma formação clássica, que o fez passar por todas as escolas. Românticos, parnasianos, simbólicos, pré-modernos, ele bebeu em todos eles em um exercício que chama de “imitação”, mas que desembocou em uma poesia consistente e estruturada.

Primeiro com versos bem medidos, respeitando métricas e formas, depois com mais liberdade, como os versos livres de *Iniciações*, o poeta se dedicou à prática de dominar as ferramentas para depois desconstruí-las. “Comecei imitando, até me familiarizar e entender o modernismo. Deixei de imitar toda aquela turma para imitar modernista também. E depois veio a ‘desmitização’, que é um aprendizado e pode ser negativo também”, brinca. Em entrevista ao *Correio*, Anderson Braga-Horta fala sobre a funcionalidade da poesia e sobre as mais de seis décadas de dedicação aos versos.

Entrevista// Anderson Braga-Horta

Em *Iniciações*, você se entrega ao verso livre e faz questão de notar isso. Por quê?

Eu pratico, indiferentemente, o verso medido e o verso livre. Minha formação é tradicional, então, meus primeiros anos, passei praticando verso medido. Quase todos. Fiz umas poucas tentativas no livre. E acho que só aprendi a manejar quando fui de Minas para o Rio de Janeiro. Mas *Iniciações* não tem versos medidos, é tudo verso livre. Me parece que pus a tônica deste livro na memória, na narrativa. Mas é uma narrativa lírica, então, em relação a minha obra anterior, está mais perto da prosa. É o que pensei na ocasião. É um livro bem diferente do que queria escrever. E a diferença se resume também no tom confessional. É difícil falar sobre a própria obra porque o autor pensa uma coisa, e o leitor discorda.

Nesses anos todos escrevendo poesia, ocorre de vez em quando pensar para que servem os versos?

Tenho respondido, de vez em quando, a essa pergunta. Não serve para nada de útil, nada de prático. Mas tem serventia, sim. Descobri que o poema pode conter pensamento, elevado ou rasteiro, e pode conter música, beleza. Quando descobri isso, fiquei encantado, especialmente com os poemas românticos. A poesia serve também como veículo do belo. Para mim, pessoalmente, foi a razão maior de continuar escrevendo. E serve ainda como veículo de pensamento filosófico e político. Para que serve, afinal, a poesia? Ela tem uma função, sim, no âmbito da cultura, da inteligência, da vida humana. Serve para refinar o espírito, refinar a capacidade de pensar e a capacidade de sentir. É veículo de sentimento e de pensamento. Menosprezar a poesia é menosprezar uma das criações excelentes do homem.

O que te estimula a escrever?

O que me estimula a escrever poesia é o belo, o amor, o sentimento, a tentativa de entender a vida e a morte, mas também a raiva. Daí a poesia de sentido social, que também pratiquei, porque houve tempo para isso. Hoje, estou velho para isso, e o mundo está muito degingolado.

Está trabalhando em algo agora?

Tenho uma poesia que andei escrevendo, em prosa mesmo, também como *Iniciações*, mas mais prosa do que poesia. São textos pequenos que têm o poético e também o testamental. São pequenos textos completos em si mesmo.

Qual a fronteira entre a prosa e a poesia para você?

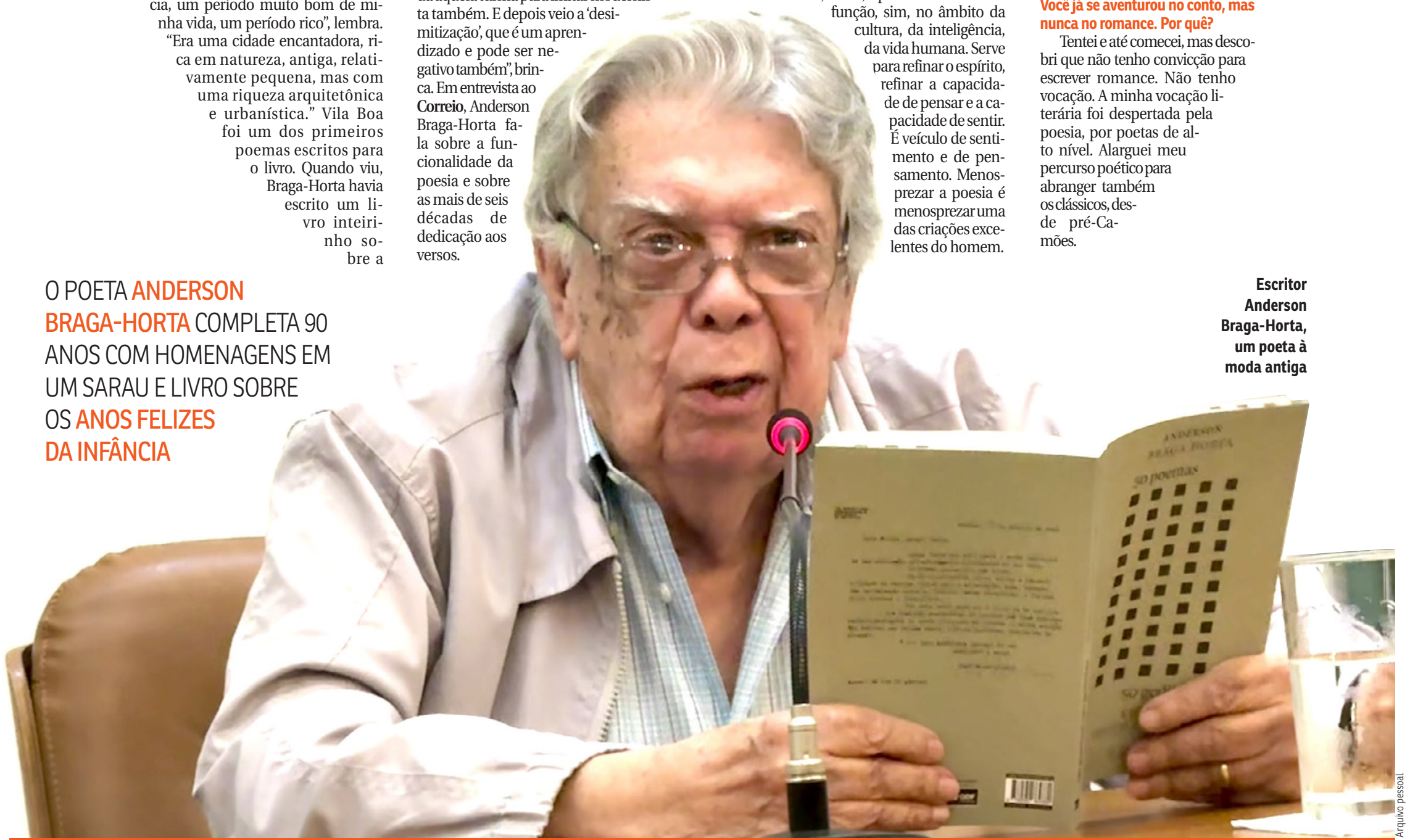
A prosa tem um sentido discursivo evidente, às vezes não se aproxima, dependendo. Prosa e ficção podem atingir certas qualidades poéticas. A fusão do narrativo com o poético pode ser um estrago, e talvez na maioria das vezes seja, mas pode produzir trabalhos geniais. É muito difícil. Mas, basicamente, a prosa literária se destaca pela narrativa, principalmente. Há prosas em que você não distingue a poesia.

Você já se aventurou no conto, mas nunca no romance. Por quê?

Tentei e até comecei, mas descobri que não tenho convicção para escrever romance. Não tenho vocação. A minha vocação literária foi despertada pela poesia, por poetas de alto nível. Alarguei meu percurso poético para abranger também os clássicos, desde pré-Camões.

Escritor Anderson Braga-Horta, um poeta à moda antiga

O POETA ANDERSON BRAGA-HORTA COMPLETA 90 ANOS COM HOMENAGENS EM UM SARAU E LIVRO SOBRE OS ANOS FELIZES DA INFÂNCIA



GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sargeon



@gurulino